



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14653429>

e-ISSN: 2177-8183

**NARRATIVAS DOCENTES EM REDE: UMA DÉCADA DA CONSTITUIÇÃO DA
IDENTIDADE FORMATIVA**

***NETWORKED TEACHER NARRATIVES: A DECADE OF THE CONSTITUTION OF
FORMATIVE IDENTITY***

***NARRATIVAS DOCENTES EN RED: UNA DÉCADA DE CONSTITUCIÓN DE LA
IDENTIDAD FORMATIVA***

Amanda Anália Nayara de Macêdo
am-na.da@hotmail.com

Licencianda do curso de Pedagogia (UFPE)
Universidade Federal de Pernambuco

Jaqueline Barbosa da Silva
jaqueline.barbosa@ufpe.br

Doutora em Educação pela UFPE
Docente da Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

O presente texto busca compreender as motivações pela docência nas narrativas de memórias docentes. O enfoque da pesquisa-formação (Passeggi, 2017) tomou como referência as narrativas digitais em rede do Museu da Pessoa, mapeando as histórias disponibilizadas nesse ambiente virtual, no período de 2013 a 2022, selecionadas de acordo com os critérios da investigação. A pesquisa acessou 520 narrativas, sendo cinco memórias docentes contempladas para análise. As reflexões, advindas das narrativas digitais dos docentes, possibilitou o desvelar da subjetividade, com ênfase na descolonialidade, revelada nas relações sociais advinda da convivência familiar e participação nos movimentos sociais e políticos, destaques que deram assento a constituição da identidade formativa.

Palavras-chave: Narrativas digitais. Identidade formativa. Museu da Pessoa. Descolonialidade. Movimentos Sociais.

ABSTRACT

This text seeks to understand the motivations for teaching in the narratives of teachers' memories. The research-training focus (Passeggi, 2017) took as a reference the digital narratives in the network of the Museum of the Person, mapping the stories made available in this virtual environment, in the period from 2013 to 2022, selected according to the research criteria. The research accessed 520 narratives, five of which were teachers' memories contemplated for analysis. The reflections, arising from the digital narratives of the teachers, enabled the unveiling of subjectivity, with an emphasis on decoloniality, revealed in the social relations arising from family life and participation in social and political movements, highlights that gave rise to the constitution of the formative identity.

Keywords: Digital Narratives. Formative Identity. Museum of the Person. Decoloniality. Social Movements

RESUMEN

Este texto busca comprender las motivaciones para enseñar en las narrativas de las memorias de los profesores. El abordaje formativo-investigativo (Passeggi, 2017) se basó en las narrativas digitales del Museo de la Persona, mapeando las historias puestas a disposición en este ambiente virtual entre 2013 y 2022, seleccionadas de acuerdo con los criterios de la investigación. La investigación accedió a 520 narrativas, de las cuales se analizaron cinco memorias docentes. Las reflexiones surgidas de las narrativas digitales de los profesores permitieron develar la subjetividad, con énfasis en la decolonialidad, revelada en las relaciones sociales surgidas de la vida familiar y de la participación en movimientos sociales y políticos, destacados que dieron lugar a la constitución de la identidad formativa.

Palabras clave: Narrativas digitales. Identidad formativa. Museo de la Persona. Decolonialidad. Movimientos sociales.

INTRODUÇÃO

O texto advém de uma pesquisa concluída e vincula-se ao grupo de pesquisa e estudos na área de educação¹, utilizando o VIII Congresso Internacional de

¹ Vinculada ao grupo de pesquisa e estudos Pós-Decoloniais e Teoria da Complexidade em Educação, cadastrado no CNPq, contemplando as teorias e políticas curriculares, educação das relações étnico-

Pesquisas (Auto)biográficas (CIPA), realizado em 2018, intitulado Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações identitárias para se aproximar do estado de produção do conhecimento na área. Entre os grupos temáticos do evento, destacamos às comunicações do eixo 2², denominado Espaços Formativos, Memórias e Narrativas.

No conjunto de 24 trabalhos, em consonância com o tema objeto de estudo, 12 constituem a produções da região sudeste. Sendo, cinco do centro-oeste, quatro do nordeste, três da região sul e dois da região norte. Vale destacar que, três dessas produções foram construídas com a colaboração de duas regiões distintas.

Com o intuito de ampliar o conhecimento na área de pesquisa-formação, surge a seguinte questão de investigação, a saber: como os/as professores/as justificam as motivações pela docência nas narrativas de memórias?

Assim, o presente texto busca socializar as motivações da docência nas narrativas de memórias formativas. Logo, organizamos o artigo em quatro partes. Na primeira, trazemos as categorias teóricas sobre a profissão docente e as narrativas de memórias formativas. Na segunda parte, detalhamos o percurso teórico-metodológico, evidenciando o campo empírico, os instrumentos de coleta das informações e os colaboradores da pesquisa. Na terceira parte, apresentamos os resultados. E, por fim, socializamos as considerações finais.

PROCESSOS APRENDENTES E ENSINANTES NA PROFISSÃO DOCENTE

A profissão docente tem uma história longa constituída de reviravoltas, entre momentos de valorização e desvalorização, dominação e desconstrução. Mas,

raciais e educação do campo e suas relações no cotidiano dos espaços educativos, principalmente, em instituições públicas e naquelas ligadas aos movimentos sociais.

² Para maiores detalhes ver VIII CIPA, Eixo 2, disponível em <[Comunicações – VIII CIPA \(biograph.org.br\)](http://biograph.org.br)>, Acesso. 02 de maio às 18h06.

sempre foi reconhecida como uma ferramenta crucial para a perpetuação de ideologias. Nesse sentido, o professor surgiu como um propulsor dos interesses da igreja, onde sua atividade era compreendida como uma vocação.

No entanto, António Nóvoa (1989) relata que para se criar um novo estatuto, uma nova concepção sobre esse ser profissional se faz necessário considerar alguns fatores.

A afirmação e o reconhecimento social deste novo conhecimento científico e técnico é o primeiro vector da fundação de um outro estatuto profissional dos professores... A formação de professores é o segundo aspecto da fundação de um outro estatuto profissional dos professores que importava evocar... A autonomia constrói-se pela acção colectiva de um corpo profissional e obriga a ocupação de novos de poder e de intervenção, o que comporta relações de força com outras instâncias. (Nóvoa, 1989, p. 453-454)

A partir das contribuições de Nóvoa (1989), estabelecemos um novo olhar sobre o fazer docente e desmistificamos a concepção do exercício da profissão por vocação. A qual para ser realizada necessita do domínio de conhecimentos científico, incluído a construção de saberes pedagógicos, onde a formação continuada apresentasse como elemento importante pela necessidade de atualização constante para acompanhar os avanços da sociedade, enfatizando a autonomia como um fator emancipatório da profissão, responsável por possibilitar a tomada de decisões acerca da constituição e do reconhecimento do seu trabalho.

No entanto, antes de adentrarmos no contexto da profissão professor, destaco o alicerce para o surgimento desse ofício, a educação. Nesse sentido, Brandão (2007) revela que,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (Brandão, 2007, p. 07)

Compreender a educação como um elemento indissociável da vida humana, indica que vivemos em um constante processo de ensino e aprendizagem,

independentemente do ambiente que frequentamos. Desse modo, reconhecer a educação para além do processo de escolarização, mas como um processo plural constituído por fatores sociais, emocionais, econômicos e ideológicos, traz à tona a complexidade sobre o que é ser professor, o qual terá que reconhecer essa pluralidade e mediar de forma harmônica todas essas formas de educações que lhe são apresentadas.

A não linearidade do processo aprendente e ensinante, visando congrega um conjunto de vozes, faz articular os enfrentamentos da vida cotidiana e as conquistas coletivas, objetivando recepcionar a pluralidade de estratégias narrativas da experiência de si no âmbito formativo e educativa. De modo que entendemos a ciência a partir do engajamento em pautas anticolonialistas de epistemologias outras. (Silva e Silva, 2022, p. 04)

Pelas diversas atividades realizadas pelo docente atualmente, tem sido mais dificultoso definir o que é de sua competência e conceituar o trabalho desses profissionais. Assim trago Veiga (2008) que apresenta a definição de docência no seu sentido etimológico.

Docência tem suas raízes no latim *dorece*, que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender. O registro do termo na língua portuguesa é datado de 1916, o que implica dizer que a utilização, ou melhor, a apropriação do termo é algo novo no espaço dos discursos sobre educação. (Veiga, 2008, p. 13)

Dessa forma, é possível refletir a partir da etimologia da palavra docência que essa não abarca de forma fidedigna as atividades realizadas pelos docentes, os quais necessitam de formações e atualizações de forma recorrente para atender as demandas do campo educacional que se renovam junto a evolução da sociedade, fazendo com que o espaço de atuação dos professores se amplie de forma intensa em paralelo a essas mudanças.

Como especifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) ao definir às obrigações do docente,

- I - Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - Ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. (Art. 13)

O Artigo 13 (Brasil, 1996) atribui notoriedade a atividade docente, atribuindo a mesma, diferentes funções, entre elas: elaborações de documentos orientadores, planejamentos, projetos e estratégias de ensino para atender os diversos públicos de alunos e as diversas realidades que constituem o âmbito de uma sala de aula.

Nesse processo de tomada de decisão e constituição das regulamentações educacionais, o professor ocupa um espaço significativo, onde suas escolhas definiram o futuro da sociedade considerando a concepção de educação construída através dessas decisões, ajudando “[...] pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima” (Brandão, 2007, p.11).

Porém para além da responsabilidade de assumir uma sala de aula, funções que deveria ser exercida por outros grupos como família e sociedade, acabam sendo transferidas e adentrando o contexto de responsabilidade do docente. O que agrava o distanciamento desses profissionais do seu campo de atuação, que é a mediação e o acesso a conhecimentos diversos. Como evidencia Cunha (1999),

O professor é, hoje, posto em xeque, principalmente por sua condição de fragilidade em trabalhar com os desafios da época. Entre eles, talvez os mais significativos sejam as novas tecnologias de informação, a transferência de funções da família para a escola e a lógica de produtividade e mercado que

estão definindo os valores da política educacional e até da cultura ocidental contemporânea. (Cunha, 1999, p. 127)

A partir disso é possível perceber a complexidade que têm se tornado definir a profissão docente a qual vem sendo submetida a diferentes atividades e contexto, afim de atender uma lógica capitalista e mercadológica da educação, além de suprir a ausência familiar na formação humana de seus filhos, onde a maior responsabilização sobre essas ações recai como função do professor.

NARRATIVAS DE MEMÓRIAS FORMATIVAS

O ato de narrar/contar histórias se alia ao surgimento da humanidade com as pinturas rupestres, as representações ritualísticas e as narrativas de tradição oral, contribuindo de forma significativa para a construção do conhecimento sobre os nossos antepassados.

Nesta direção, Frison e Simão (2011) destacam,

O centro da pesquisa autobiográfica encontra-se no ser humano que, em diferentes contextos e situações, autobiografa-se, quer narrando fatos de sua vida, quer refletindo sobre seu processo de autoformação. A pessoa, ao narrar, narra-se e, ao fazê-lo, ressignifica experiências, vivências, aprendizagens, dando-lhes novo significado. (Frison e Simão, 2011, p. 198)

Em conformidade com Frison e Simão (2011), observamos que a finalidade desse tipo de produção não se destina a produção de um conhecimento que será definido como verdade absoluta, mas, irá apresentar histórias em consonância a temas e situações, que servirão como elemento de reflexão para pensar sobre as individualidades que constituem os diversos aspectos da sociedade.

Considerando a não existência da escrita, nos primórdios da civilização, as narrativas de experiências individuais e coletivas tiveram um papel fundamental na sociedade, alcançando conhecimentos já existentes e impulsionando a origem de

novos achados. Nesse contexto, as narrativas autobiográficas se destacam ao ressignificar o conhecimento científico, passando a ser fonte de inspiração para a construção saberes advindos de experiências vividas. Como cita Passeggi (2017),

Situada no âmbito da pesquisa qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica em Educação tem procurado superar o dilema que lhe é imposto: ou acomodar-se aos padrões existentes do conhecimento dito científico ou, ciente da especificidade epistemológica do conhecimento que ela produz, contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre ela e com ela. (p. 09)

As narrativas autobiográficas surgem na busca de valorizar as experiências individuais, lançando um olhar atento e reflexivo sobre as histórias narradas, afim de construir novas compreensões da realidade.

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização. (Passeggi, 2011, p. 371, **grifo da autora**)

As narrativas se caracterizam como uma ferramenta contra os ideais colonizadores, ao possibilitar que pessoas comuns socializem conhecimentos e experiências, passando a ser consideradas pelo campo da produção científico e social.

Uma vez examinada a natureza epistemológica das narrativas (auto)biográficas, considera-se importante destacar a perspectiva descolonial, seja por questionar a universalidade epistêmica, seja por ressaltar a diversidade e a riqueza social, possibilitando aos sujeitos silenciados a retomada da voz como grito de existência, resistência e empoderamento. Logo, as narrativas (auto)biográficas não propõe falar por, mas falar com os sujeitos, trazendo suas experiências e memórias na construção de epistemologias na produção científica. (Silva e Santos, 2022, p. 126)

Nessa perspectiva as experiências compartilhadas através das narrativas, se destacam como um fator de relevância para as classes invisibilizadas socialmente, que a partir da oportunidade de contar suas histórias e compartilharem suas vivências individuais são capazes de representar as diversas formas de existência no mundo.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O texto se inscreve na abordagem qualitativa, com enfoque na pesquisa documental, que se distingue da pesquisa bibliográfica, por ter, como afirma Severino (2007),

[...] como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (p.122-123)

O estudo de natureza documental, com enfoque na documentação narrativa, busca nas narrativas de memórias formativas de docentes as motivações que levaram a escolha profissional.

A escolha pelo Museu da Pessoa, como campo empírico de acesso ao conhecimento se justifica por se constituir um espaço virtual e colaborativo de histórias de vida, com o intuito de transformar as histórias contadas em patrimônio da humanidade.

Nesse contexto, a documentação narrativa disponibilizada se direciona a uma produção intimista e pessoal, disponibilizando um arcabouço de vivências daqueles/as que se dispõem a contar sua vida.

As narrativas memorialísticas disponibilizadas no Museu da Pessoa se centram num inventário de vida e formação com modos próprios de contar e partilhar histórias que marcam formas de inserção socioprofissional.

Criado no ano de 1991, o Museu da Pessoa surge de forma pública a partir da exposição Memória & Migração, passando a ser um espaço de visita para qualquer pessoa que pudesse narrar sua vida. A ideia geradora advém de meados do ano de 1989, em um projeto denominado Heranças e Lembranças: imigrantes Judeus no Rio de Janeiro, que gravou 200 horas de histórias de pessoas de origem judaica vindas de diferentes lugares do mundo, motivada pelo depoimento de uma das participantes do projeto, D. Matilde Lajta, judia austríaca de 86 anos,

[...] preciso agradecer a vocês por este projeto. Porque agora sei que já posso morrer. Tive uma vida interessante, marido, filhas, netos mas agora sei que minha vida, àquela história que é só minha mesmo, minha alma, agora sei que vai ficar. (Museu da Pessoa, disponível em: <Museu da Pessoa | Linha do tempo>, acesso em 12 de novembro de 2023)

O depoimento de D. Matilde Laita evidencia o desejo de criar um espaço que possibilitasse a toda e qualquer pessoa a oportunidade de partilhar experiências e histórias, as quais serão eternizadas e valorizadas, sendo consideradas fonte de conhecimentos singulares capazes de transformar a vida de outras pessoas.

Na plataforma do Museu da Pessoa, o processo de publicação das histórias ocorre a partir de um cadastro, onde são disponibilizados os dados pessoais e criada uma senha de acesso. Realizada a criação da conta de acesso, o *site* disponibiliza um vídeo instrutivo, expondo às informações necessárias para o manuseio e publicação da história. O/A autor/a da história tem autonomia na escolha e escrita da narrativa, advinda de temas específicos ou livre, podendo ser compartilhada através de texto, vídeo, áudio ou fotografias.

A pesquisa foi trilhada em atendimento a cinco critérios, (1) identificação do descritor professor/a, na busca por palavra-chave, (2) disponibilidade de narrativas no

formato audiovisual, (3) narrativas de autoria docente, (4) atendimento temporal de uma década, correspondentes ao período de 2013 a 2022, (5) narrador/a com formação na área das ciências humanas reconhecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)³.

No atendimento do critério de identificação do descritor professor/a acessamos 1.126 narrativas. Quanto a combinação dos critérios, descritor professor/a e disponibilidade do instrumento audiovisual, vídeo na íntegra, chegamos ao quantitativo de 520 narrativas. Avançando, incluindo o critério das narrativas de autoria docente, chegamos a 33 produções. E, por fim, das 33 memórias docentes que atenderam aos critérios da pesquisa, 17 contemplaram o período de 2013-2022, com apenas cinco narrativas de professores voltadas para a área de ciências humanas, conforme quadro 1.

Quadro 1 – Narrativas docentes no período de 2013 a 2022

Narrador/a	Título	Data de publicação	Link de acesso ao vídeo da narrativa
Budga Deroby Nhambiquara	Uma educação plural para um país plural	14/10/2022	https://youtu.be/FGvLS6sVbtA
Jair José dos Santos	Consegui ser aquilo que queria ser	09/11/2021	https://youtu.be/ZqTSd1eC0M0
Salomão Jovino da Silva	Eu sei qual a minha história, a história do meu povo e tenho um lugar no mundo	09/01/2020	https://youtu.be/Aq8PvsfvDiM?si=Kxbzu0z8Tt1OOC-I
Euro Alves	Aprendendo com a preservação cultural	30/04/2018	https://youtu.be/CNKWxKlc63c
Geraldo Moreira Prado (Mestre Alagoinha)	Uma biblioteca no sertão	17/09/2013	https://youtu.be/g2q4Rrxraifl?si=OBan8i4YX21T2ECK

Fonte: Produção da pesquisadora.

No quadro 1, as narrativas foram ordenadas por ano de publicação, atendendo uma ordenação cronológica decrescente. Para caracterizar os 5 docentes buscamos

³ Áreas do conhecimento no campo das ciências humanas, em conformidade com CNPq, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Psicologia e Educação.

identificar o nome, a naturalidade, o gênero⁴, a idade, e a área de atuação, conforme disponibilizado no quadro 2.

Quadro 2 – Características dos/as docentes colaboradores/as da pesquisa

Narrador	Gênero	Idade	Naturalidade	Formação	Profissão
Jair José dos Santos	Masculino	07/03/1972	São Paulo	Filosofia e Direito	Professor
Budga Deroby Nhambiquara	Masculino	15/11/1982	São Paulo	Graduado em Educação Artística (UNESP) Mestrado no Pró-EJA IFSP.	Professor, artista plástico e pesquisador
Salomão Jovino da Silva	Masculino	Sem data	Minas Gerais – Passos	História	Professor
Geraldo Moreira Prado	Masculino	28/07/1940	Bahia – Nova Soure.	História e mestrado em Desenvolvimento agrícola	Professor e pesquisador
Euro Alves	Masculino	10/04/1977	Amazonas – Maués	Formação de professores no magistério de nível médio, com ênfase na educação escolar indígena.	Professor

Fonte: Produção da pesquisadora.

De posse do corpus documental, aproximamo-nos da perspectiva de análise de conteúdo (Bardin, 1977),

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (por procedimentos) sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas

⁴ Em Louro (2008, p.18), a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, sendo empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais.

parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efectuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). (Bardin, 1977, p.42)

A partir desses procedimentos, abordagens e definições, o artigo busca compreender as motivações pela escolha da profissão docente, com adesão as narrativas de memórias formativas, rompendo com os métodos convencionais de investigação para mostrar a subjetividade como ideia nuclear e articuladora da constituição de novas formulações teóricas que realimentam a profissão docente.

NARRATIVAS DE MEMÓRIAS FORMATIVAS DOCENTES

A profissão professor se constitui de um conjunto complexo advindo do contexto histórico de lutas enfrentadas pelos seus direitos em diferentes momentos da sociedade.

Além de conhecer a importância das narrativas como aspecto construtor da própria história, da história de um movimento e de um coletivo, valorizando as singularidades das experiências vividas por cada pessoa que o compõem.

As categorias constituintes da pesquisa impulsionaram a construção de um novo saber, um novo conhecimento acerca da constituição da profissão docente.

De acordo com o dicionário online de português a palavra motivar deriva da palavra motivo, que se classifica como um verbo transitivo direto e significa: ser o motivo de algo; provocar, causar, determinar os estímulos, as motivações para que algo se realize; estimular. É a partir dessa concepção de situação/ação geradora de outra ação, que foi buscado conhecer a partir das narrativas classificadas de acordo com os critérios estabelecido na pesquisa, as motivações que levaram essas pessoas a escolher a profissão.

Motivações essas que são geradas e impulsionadas pela trajetória de vida dos colaboradores. As quais surgem por influência do meio em que viveram, o que colaborou para a formação dos valores, crenças e posicionamento político dessas pessoas como ser social.

A partir da seleção das narrativas digitais do Museu da Pessoa percebemos que a região sudeste se destaca no conjunto das memórias disponibilizada, totalizando três produções. Enquanto as regiões norte e nordeste ocupam o segundo lugar, cada uma com uma memória socializada.

Outra inclusão relevante diz respeito a ausência de narrativa feminina entre as memórias que atenderam os critérios da investigação, invertendo, de um lado, a feminilização da docência. E, do outro, demarcando a hegemonia da masculinização do conhecimento.

Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais têm gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo. (Grosfoguel, 2016, p. 01)

A reflexão em pauta reafirma a perspectiva de incompletude do conhecimento, quando acentuado pela memória de um grupo, o que colabora com o posicionamento crítico do conhecimento único.

Nesse contexto que se estrutura a pesquisa adentramos na análise das narrativas de memórias formativas das pessoas e a trajetória que as levaram a escolher pela docência.

Nas narrativas advindas da região sudeste, destacou-se o enfrentamento aos estigmas impostos pela colonialidade, definido por Quijano (2005) como,

[...] dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos

conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. (Quijano, 2005, p. 01)

Assim, a descolonialidade com caráter inverso ao colonialismo, foca no combate as relações de superioridade presente na modernidade ocidental que segregou a sociedade a partir de questões raciais, criando critérios biológicos para a classificação de dominados e dominadores.

Nessa perspectiva, de quebrar padrões criados pelo poder colonizador, surge o primeiro colaborador Bugda Derby Nhambiquara, homem indígena, filho do cacique Itamarai Nhambiquara com uma mulher não indígena.

Bugda (2022), relata as dificuldades e preconceitos vividos no seu processo de escolarização por ser negro e indígena o que o fez desistir na adolescência de frequentar a escola. E só retomar seus estudos posteriormente através da modalidade da EJA.

Após concluiu o ensino básico é convidado a participar de um curso pré-vestibular, o que o ajudou a ser o primeiro indígena a ingressar na UNESP naquele período. O mesmo relata as expectativas criadas por estar sendo inserido na massa intelectual, mas suas expectativas são quebradas após viver episódios de discriminação e preconceito novamente.

Assim, percebemos a sua luta através da educação, onde viu pelo acesso aos estudos a oportunidade de modificar as ideias da educação bancária importas as minorias, afim de anular o poder de reivindicação e de criticidade. Sobre esse conceito de educação “[...] sua tônica reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua “disciplina” é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade”. (Freire, 1981, p. 09)

O Budga no mestrado na Unesp, é alvo. É alvo por quê? Porque o indígena que eles querem é aquele indígena que o atual presidente fala: aquele lá que não sabe nem falar, aqueles que eles querem com cabelo cortadinho em forma de cuia, andando pelado, e que não sabe ler, nem escrever, que o outro

pode mandar por ele, é esse. Então, nós nos tornamos alvos, porque eles não nos querem ali, eles não querem a gente aqui. (Budga Deroby Nhambiquara, 2022)

A narrativa de Bugda (2022), enquanto indígena e professor, revela a importância da educação, enquanto transformadora da realidade, evidenciando que, a profissão-professor/a emerge das lutas e passa pela valorização da ancestralidade, enquanto processo de conscientização e transformação.

A representatividade dos povos indígenas na construção de uma educação plural oportuniza o reconhecimento sócio-cultural, quando o agir emerge do processo de descolonização.

Olha, o meu sonho é que em toda escola seja falado e ensinado sobre os povos indígenas de forma correta. Entendendo cada criança que ela também é indígena pela sua genealogia, ela pode não ser moradora de aldeia, ter crescido com os povos indígenas, conhecer a cultura como indígena, mas que o avô, bisavô dela foi, e por isso ela é um igual, só que em uma cultura diferente. Porque quando a criança entender... Desde criança é importante isso, entender que o índio, indígena, como eles colocam, como nós queremos, é uma pessoa, um ser humano igual a ele, igual a ela, ela terá menos probabilidade de ser racista, de ver o indígena como um animal. Então eu sonho que as escolas possam trazer isso, eu sonho... Mas para isso, o nosso currículo paulista, nacional, tem que ser descolonizado, ele tem que ser descolonizado, então o meu maior sonho é que o nosso currículo seja descolonizado. E que seja realmente ensinado, aquelas pessoas que não querem, beleza, não ensine, mas... Eu sonho uma educação plural, é um legado que eu quero deixar, que essa é a minha luta, uma educação plural para um país plural. (Budga Deroby Nhambiquara, 2022)

Assim a descolonização mostra-se como “[...] um processo extremamente longo e complexo de crítica à colonialidade que tem seu núcleo de sentido situado na constituição de novos sujeitos históricos, políticos e sociais” (Mouján, 2020, p. 33). Desse modo, a descolonialidade tem como propósitos trazer novos atores sociais e políticos e desenvolver um novo olhar sobre a construção social do mundo, utilizando de novas perspectivas, se distanciando da visão europeia colonizadora. Ainda, no contexto de construção e luta por uma sociedade e uma educação sob o viés da descolonização, Salomão (2020), homem negro, natural da região sudeste do país,

destaca os marcos da sua história, dando ênfase a falta de representatividade da população negra nos espaços escolares, ao relatar a inexistência de pessoas negras no seu processo formativo.

Nunca tive professor negro. Nunca tive um professor negro. Desde a infância, até o ensino superior. Nunca tive um ou uma professora negra. Embora elas pudessem até existir. Na primeira escola, por exemplo, tinha professora negra. Mas nas outras escolas, nenhuma. Até o doutorado, não havia negros professores. Mas ainda falando sobre essa ideia dos blacks, né? Eu não fiz muita distinção, mas uma coisa é ser negro, né? Pra ser negro basta você ser descendente de africano, né? Mas o movimento black é afirmar-se negro, tornar-se negro. Que é um debate sobre identidade. Mas uma identidade que, pra ela se fazer no mundo, precisa cavar espaço. Ela precisa interditar os discursos vindos de fora, e criar espaço pra um discurso de dentro. Do nós. (Salomão Jovino da Silva, 2020)

Ao narrar a ausência de reconhecimento identitário, Salomão (2020) desvela a importância do movimento negro para as pessoas pretas. Para ele, afirma-se negro, no exercício da docência, oportuniza lutar por espaços que ainda são negados a essa população.

Os amigos do meu pai, alguns, eram congadeiros. Meu pai era presbiteriano, mas ele tinha amigos macumbeiros, congadeiros, da umbanda, do samba, enfim. Então, uma dessas pessoas era um velho, um senhor, já, com uma idade avançada, chamado Feliciano, que era, enfim, um chefe de Maçambique ou Moçambique. E esse homem brincava com a gente, falava as palavras dos antigos, cantava umas cantigas e era amigo do meu pai. E moravam nesse mesmo bairro, no bairro da Penha. (Salomão Jovino da Silva, 2020)

Salomão (2020) aponta para importância e influência do ambiente familiar a partir das pessoas que circulam nesse espaço formativo, possibilitando perceber a potência e lugar no povo negro, quando afirma que, “descobrir a negritude é algo além de ser negro. Eu sei de onde eu venho. Eu sei quem são os meus ancestrais. Eu sei qual a minha história. Eu sei qual é a história do meu povo. E tenho direito a um lugar no mundo”.

Para Larrosa (2002), experiência como algo que nos toca e nos transforma, ganha ênfase no processo de militância junto aos movimentos sociais, ganhando evidência nas narrativas de Salomão e Jair.

Dentro do movimento social, lá na zona sul, houve um tempo em que eu fui voluntário de alfabetização de adultos. Talvez 83. Mas antes disso, quando eu terminei o ensino médio, em 82, eu tentei Fuvest pra História, queria ser professor de História. E talvez a ideia de que ser professor era uma boa atividade ou era uma atividade digna, eu tenha descoberto com a professora Helena. E ser um historiador, talvez, ou um professor de História, eu tenha descoberto com ela. (Salomão Jovino da Silva, 2020)

Depois de formado, eu comecei uma militância política, conheci algumas pessoas, alguns professores que depois me influenciaram também para que eu escolhesse a licenciatura, porque embora eu tenha me formado em direito, quando eu estava na faculdade a aula que eu mais gostava era de Sociologia, tinha um professor lá na faculdade de Direito, se chamava Falace, e ele era muito conhecedor das coisas do mundo, muito sensível às causas sociais, falava de questões ecológicas, falava de geopolítica, e aquilo tudo me agradava, embora as matérias do direito específicas também me agradassem, mas o Falace ele marcou de certa forma, eu falei, se eu tivesse que ser um profissional do direito eu teria que ser igual ele, esse professor de sociologia, mas, ele era um professor! (Jair José dos Santos, 2021).

A participação de movimentos sociais, políticos e sindicais, também tem se caracterizado como um elemento propulsor na escolha pela profissão.

Nessa direção, destacamos ainda, a narrativa de Geraldo Moreira, natural da região nordeste e do estado da Bahia, filho de agricultores, atuando desde cedo com trabalho braçal do campo, viu na educação, após a morte de seu pai e na reconstituição da vida em São Paulo, um caminho de oportunidades que lhe possibilitaria melhores condições de vida,

À noite como porteiro, durante o dia como faxineiro, não tinha carteira assinada. E à tarde, fui fazer curso de auxiliar de escritório. A minha ideia era que, com aquele curso, eu iria conseguir emprego. Uns quatro, cinco meses depois, arrumei. Eu lia muito jornal e ficava olhando os Classificados e vi uma oferta de emprego, em uma companhia de seguro, pra entregar apólices. Fui lá, fiz o teste, passei. Aí, tive a minha primeira carteira assinada. (Geraldo Moreira Prado, 2013)

A aproximação com a educação fez ampliar a visão de mundo, gerando o interesse pelas lutas sociais e, por consequência, pela docência.

Comecei a fazer o Curso de Madureza Ginásial. Já tinha um grupo de amigos que discutia política. Terminei o ginásio. Aí, já era 1964. Me inscrevi no vestibular da USP. Tentei Medicina e fui reprovado. Mas, a USP abriu um programa de Estudos Orientais e tinha várias línguas. Comecei a fazer o curso de chinês. Nessa época já estava morando no CRUSP. Lá já fiz ambiente, envolvido em Política Estudantil, Campanha Operária, Sindical em São Paulo, batendo de frente com o grupo da Direita. Em 1967, fui mandado embora da fábrica. Tentei e passei pra História. Foi um ano bastante movimentado, participando de passeatas. Tive a primeira prisão, fui lá pro Dops, e isso está registrado como baderneiro na ficha. (Geraldo Moreira Prado, 2013)

O inconformismo despertado em Geraldo surgiu a aproximação com os movimentos, o desejo de mudança da realidade, confrontado pelas diversas pautas de injustiças sociais, onde os movimentos sociais “[...] transitam, fluem e acontecem em espaços não-consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes eles estão questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política.” (Gohn, 1997, p. 12)

O assento da subjetividade é evidenciado no reconhecimento da luta dos movimentos para compreensão crítico da sociedade, fazendo despertar um sentimento de indignação e perseverança, esperançosa por uma nova realidade, dimensão fundante na atuação do professor, conforme defende Nóvoa (1989).

É impossível educar sem acreditar, ser ter esperança, isto é sem nos indignarmos com o estado em que se encontra actualmente o bem mais precioso da humanidade, a sua infância, sujeita aos mais variados atentados, à estupidez, á incúria da espécie malfazente que é a nossa. (p. 456)

Desse modo, a narratividade vem acompanhada de ato responsivo e de transgressão num movimento de vida e trabalho.

O último colaborador, Euro Alves, professor indígena morador da região norte do país, evidencia sua principal motivação para os estudos, fazendo-o ser levado pela docência por inspiração de sua mãe, que também era professora.

O meu avô foi o primeiro pai que colocou os filhos na escola. O tempo da missão católica, que abriu a primeira escola na reserva indígena no Marau, aí a minha mãe estudou com os padres e teve uma escolaridade. E com isso, ela recebeu o primeiro trabalho de ser professora pela missão. Aí, a minha mãe seguiu o cargo de professora numa comunidade bem distante e essa foi a razão de ela ter me abandonado, me entregou para a minha avó, para o meu avô e ela teve que ir embora para trabalhar. (Euro Alves, 2018)

Euro Alves (2018) destaca o incentivo de sua mãe aos estudos, como forma de alcançar autonomia e independência financeira.

Minha mãe sempre dizia: “[...] meu filho, você tem que estudar, [...] trabalhar e ter o seu dinheiro para comprar as suas coisas”. Isso me inspirou muito. Eu acho que, foi isso que a minha mãe criou dentro de mim, um incentivo, de pensar no estudo, pensar na vida. (Euro Alves, 2018)

A esperança de revolução e mudanças positivas através da educação marcaram a trajetória de Euro, de modo a questionar a forma como educação para as diferenças tem sido ofertada e os impactos causados a vida e a cultura desses coletivos.

Euro Alves (2018), ao expressar suas motivações e inspirações, enfatiza o compromisso coletivo na inserção dos povos indígenas na docência para manutenção e valorização da identidade.

Porque essa minha história pessoal de vida, eu uso essa história na sala de aula que é justamente para estimular os alunos que é por aí o caminho, é luta constante, não é? A gente consegue, nós só podemos conseguir vencer na vida através da educação e se a gente está disposto a enfrentar todos os desafios. Aí, toda vez eu aproveito a oportunidade para contar um pouco da história. (Euro Alves, 2018)

As narrativas de memórias socializadas validam o lugar da função docente, dando eco aos processos aprendentes e ensinantes que alimentam a subjetividade profissional e a relação dialógica que o mesmo constrói entre si e o mundo.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Os resultados enfatizam a pujança das narrativas de memórias para compreensão das motivações da docência e do surgimento de novos conhecimentos, revelando, na partilha de experiências, a evidência de grupos invisibilizados, bem como introduzindo novas bases do pensamento popular para a produção do conhecimento científico.

Compreendemos que as motivações pela escolha docente nas narrativas de memórias formativas, surgem a partir da visão dos colaboradores que insatisfeitos como o cenário da sociedade atual, veem na educação um mecanismo de transformação da realidade.

A educação constituída no viés descolonizador, associada a questões, identitárias, culturais e sociais reconfiguram o saber colonizador e levanta pautas, debates e lutas que passam a ser plural.

Outrossim, destacamos a partir das narrativas e considerações dos colaboradores, a cientificidade da profissão professor, os quais relacionam a profissão a um processo formativo humanístico e crítico, distanciando da concepção de professor por vocação. Assim, o processo aprendente e ensinante docente se revela nas narrativas de memórias formativas pelas motivações do saber/fazer impregnada na trajetória ideológica e experiencial do processo de constituição docente. Desse modo, não se nasce professor, torna-se professor, ação que exige o domínio do saber científico, constituído pela resistência e luta social com horizonte na superação de estereótipos para da constituição de novos elementos científicos.

Por fim, evidenciamos o assento as vozes femininas na continuidade do processo investigativo para acesso e nutrição das motivações pela profissão docente, servindo-nos de acesso a outras subjetividades e possibilidade de mobilização para o fazer e pensar a pesquisa e a constituição de novas epistemologias.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, ed. 70^a, 1977.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002. p.20-28. DOI:10.1590/S1413-24782002000100003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**: Coleção Primeiros Passos. 1981. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, N^o. 9.394, 1996.

CUNHA, Maria Isabel da. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papyrus, Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, 1999.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5a. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; SIMÃO, Ana Margarida da Veiga. Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio/ago. 2011. p. 198-206. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8705>>, acessado em abr. de 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Rio de Janeiro: **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, 2016. p. 25-49. DOI: 10.1590/S0102-69922016000100003.

MOUJÁN, Inés Fernández. Diálogos entre saberes e práticas pedagógicas descoloniais. Pedagogias de(s)coloniais saberes e fazeres. Goiânia: **Econuovem criações**, 2020. p.26-39.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**: reflexões históricas e sociológicas. Análise Psicológica, 1989.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, 2017. p. 06-26. DOI:10.23935/2016/01032.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i3.2300>.

SILVA, Jaqueline Barbosa da; SANTOS, Samanta Gabriely Alves dos. Pesquisa (auto)biográfica e narrativas formativas: itinerários descolonizadores. **Revista Debates Insubmissos**, v. 5, n. 18, 2022. p. 115–143. DOI: <https://doi.org/10.32359/debin2022>.

_____; SILVA, Augusto Vinícius Oliveira da. Uma única estrofe de um cordel inacabado. **Revista EDUCARE**, João Pessoa-PB, v. 6, Jan./Dez. 2022. p. 1-18. Disponível em: < [Uma única estrofe de um cordel inacabado | Revista Educare \(Online\) \(ufpb.br\)](https://ufpb.br/revista-educare/online/uma-unica-estrofe-de-um-cordel-inacabado)>, em fev. de 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência como atividade profissional. **Profissão Docente**: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papyrus, 2008.